

A NUÁRIO ' 2015

DA SUINOCULTURA INDUSTRIAL

ISSN 2177-8930

Nº 06|2014 | ANO 37 | Edição 261 | R\$ 45,00

Gessulic
AGRI-BUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO



CENÁRIO POSITIVO À SUINOCULTURA BRASILEIRA

Com uma oferta interna ajustada à demanda e um mercado internacional aquecido, suinocultura tem desempenho positivo em 2014, com melhoria nos preços domésticos e crescimento em receita nas exportações. Sem custos elevados neste ano, o que deve se repetir no próximo, setor projeta cenário otimista para 2015.

FIPPA

FEIRA INTERNACIONAL DE
PRODUÇÃO E PROCESSAMENTO
DE PROTEÍNA ANIMAL

28

ABRIL 2015

29

ABRIL 2015

30

ABRIL 2015

CURITIBA • PR • BRASIL
- EXPOTRADE

www.fipppa.com



ATUALIDADES E PERSPECTIVAS DA SUINOCULTURA BRASILEIRA

Com oferta ajustada, custos de produção confortáveis e demanda firme, suinocultura brasileira registrou bom desempenho em 2014. Pontos de atenção para o ano que vem recaem sobre a necessidade de aumentar a eficiência da atividade, para compensar a elevação dos custos, em especial da mão-de-obra e dos juros, e sobre as indefinições decorrentes dos ajustes macroeconômicos no “novo governo”.

Por Dirceu J. D. Talamini¹ e Jonas I. dos Santos Filho²

Em 2014, o setor de carnes do Brasil, e em especial a suinocultura, desfrutou de condições favoráveis, tanto no que se refere aos custos de produção quanto aos preços recebidos pelos produtos no mercado interno e nas exportações. Observar o ano da cadeia produtiva da suinocultura é

importante pelo espaço que ocupa na economia do País. Ela é complexa e longa, composta por vários elos, que vão desde a produção do animal vivo ao seu abate e processamento, incluindo também as atividades necessárias à comercialização dos inúmeros produtos obtidos, bem como as demais cadeias de suprimentos e complemen-

tares. Juntamente com a cadeia produtiva da avicultura, é grande agregadora de renda e promotora de desenvolvimento nas regiões onde está presente. A classificação dos municípios brasileiros de acordo com o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal, calculado a partir de informações oficiais de emprego/renda, educação e saúde, com dados do ano de 2011 (IFDM 2014), mostraram que os municípios de Concórdia e Chapecó, por exemplo, ocupam a primeira e a segunda posição no Estado de Santa Catarina. Quando considerado todo o Brasil, Concórdia aparece na décima segunda posição e Chapecó na décima oitava. Esses municípios

têm nessas duas cadeias produtivas a base das suas economias, sendo importante que a população entenda a relevância e contribuição dessas atividades para o desenvolvimento das regiões onde se encontram e contribua para seu crescimento e sustentabilidade. Esta situação se repete para todos os municípios que possuem uma cadeia produ-

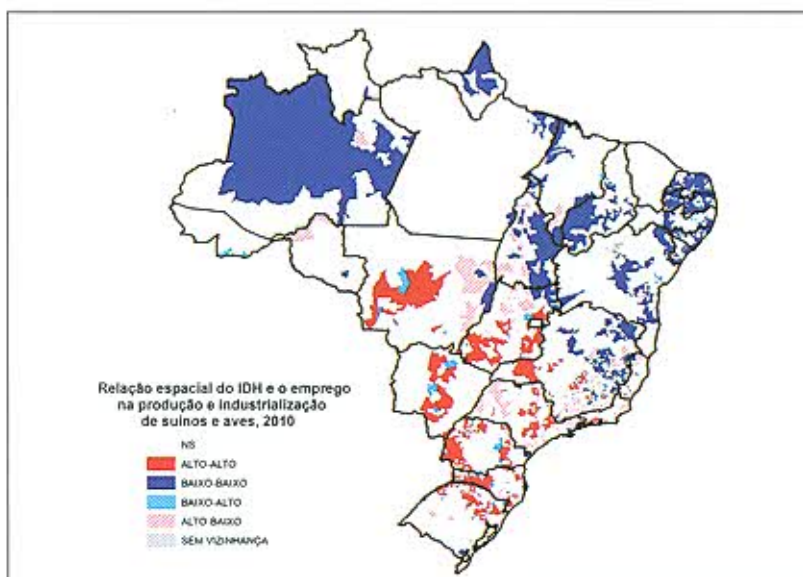
tiva de suínos e aves estabelecida, tendo uma alta correlação entre elas e o Índice Municipal de Desenvolvimento, conforme é mostrado nas Figuras 1 e 2. A Figura 2 apresenta, na cor vermelha, municípios onde a correlação entre a produção e abate de suínos e aves e o Índice de Desenvolvimento Municipal é alta. O IFDM quantifica o que outras literaturas, como

as publicadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES, 2004) constatarem, com base em dados dos diversos setores da economia brasileira, que cada emprego na indústria de abate e processamento gera 17,5 empregos nos demais elos da cadeia produtiva das carnes.

A SUINOCULTURA BRASILEIRA E MUNDIAL EM NÚMEROS

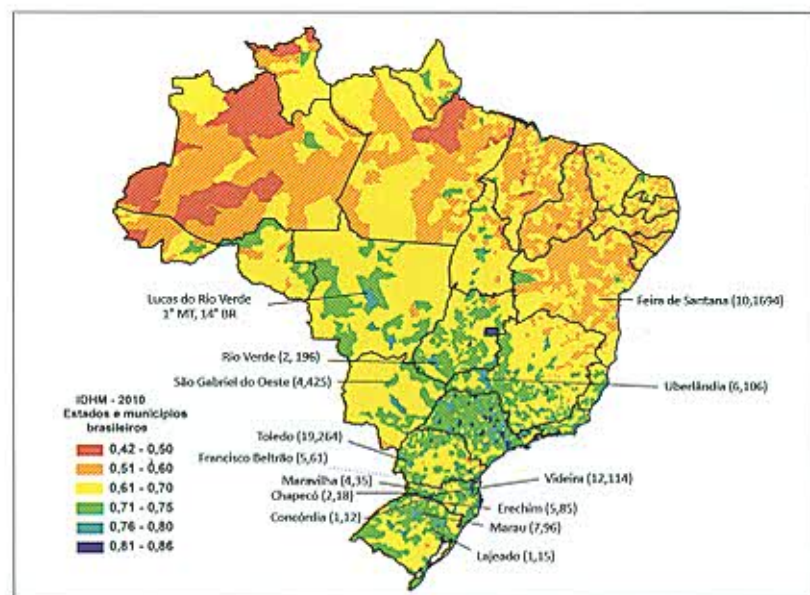
Os dados mundiais revelam que cerca de metade da produção e do consumo da carne suína acontece na China. Esse país, devido ao crescimento econômico e urbanização que vem registrando,

FIGURA 02. CORRELAÇÃO ENTRE MUNICÍPIOS PRODUTORES DE SUÍNOS E AVES E EMPREGO NESSAS ATIVIDADES



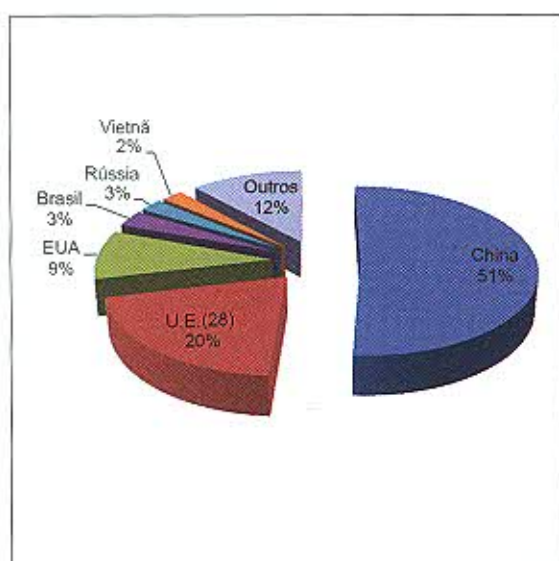
Fonte: SANTOS FILHO, 2014 - Embrapa Suínos e Aves

FIGURA 01. DISTRIBUIÇÃO DOS ÍNDICES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS



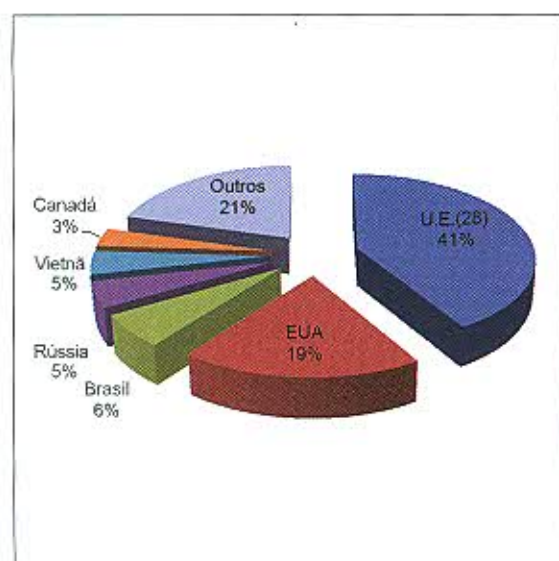
Fonte: SANTOS FILHO, 2014 - Embrapa Suínos e Aves

FIGURA 03. PARTICIPAÇÃO DOS PAÍSES NA PRODUÇÃO MUNDIAL DE SUÍNOS, 2014



Fonte: USDA, 2014

FIGURA 04. PARTICIPAÇÃO DOS PAÍSES, SEM A CHINA, NA PRODUÇÃO MUNDIAL DE SUÍNOS, 2014



Fonte: USDA, 2014

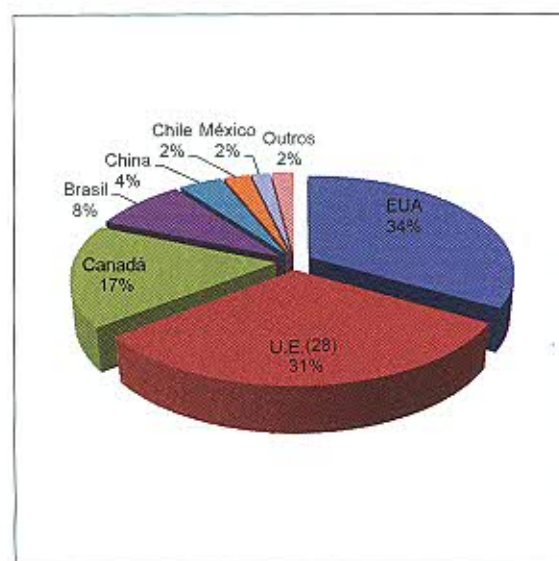
têm incrementado suas importações, que devem ultrapassar 800 mil toneladas em 2014 e atingir um milhão de toneladas em 2015, passando a ser o segundo maior importador mundial, atrás apenas do Japão (USDA, 2014). As exportações, por outro lado, têm se mantido praticamente estáveis, ao redor de 230 mil toneladas por ano. É importante observar que sem incluir a China nas estatísticas, a

participação dos demais países na produção mundial de suínos, em especial dos 28 países da União Europeia (UE) e dos Estados Unidos (EUA), aumenta e dá uma melhor noção da relevância desses países no cenário, como pode ser observado nas Figuras 3 e 4. Entende-se que, pelo menos no curto prazo, apesar da imensa produção, a China não estará competindo nas exportações, mas deverá incrementar sua presença como importador de carne suína.

EXPORTADORES E IMPORTADORES

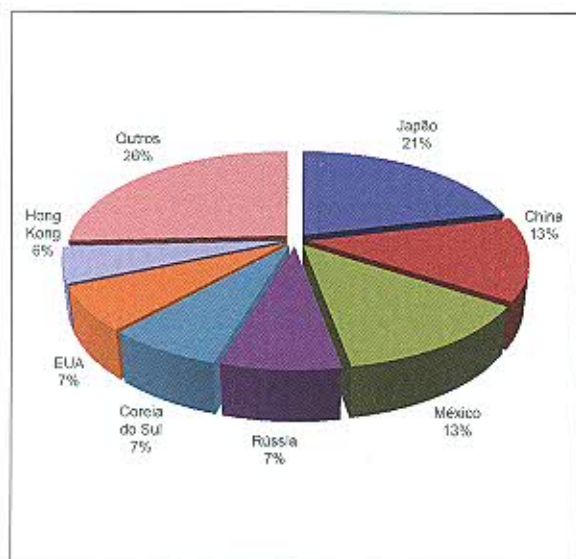
O acesso do Brasil ao mercado internacional de carne suína é dificultado pelas restrições ao consumo desse produto devido à religião e crenças, como é o caso dos muçulmanos e judeus, e também pela imposição de barreiras tarifárias e não-tarifárias, caso da União Europeia. Assim, esta carne possui um menor mercado mundial que a carne de frango e a bovina. Do lado das exportações, observa-se uma presença forte dos Estados Unidos, União Europeia e Canadá, que respondem por mais de 80% do total exportado. O Brasil é o quarto maior exportador, participando com cerca de 8,5% no total mundial exportado. As importações na suinocultura são menos concentradas que as exportações, sendo o Japão, a China e o México os que mais importam. Os sete maiores importadores respondem por 70% do total. As Figuras 5 e 6 mostram a

FIGURA 05. PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES DE CARNE SUÍNA, 2014



Fonte: USDA, 2014

FIGURA 06. PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES DE CARNE SUÍNA, 2104



Fonte: USDA, 2014

situação desses mercados.

Para efeito de comparação com as outras carnes, o Brasil é líder mundial nas exportações de carne de frango e de bovino, respondendo, respectivamente, por 35% e 20% do total exportado. Nestes dois produtos, a demanda internacional tem sido intensa e crescente, especialmente para a carne bovina. Como os mercados das carnes são interdependentes, o aumento das exportações bovinas tem um efeito positivo nos preços internos e de exportação das demais carnes.

A suinocultura mundial sofreu o impacto de ocorrências sanitárias, como a

dêmica dos Suínos (PED), que tem afetado a produção e o mercado da carne suína, principalmente nos Estados Unidos, só que com uma redução na produção menor que a inicialmente prevista. A disseminação da PED também para o Canadá, México, Colômbia e Peru, bem como para o Japão e a Coreia do Sul, foi uma das causas da elevação dos preços internacionais. Adicionalmente, na Rússia, os preços subiram após a imposição de restrições às importações de carne suína da Europa e dos Estados Unidos, além da ocorrência da Peste Suína Africana na Polônia e na Lituânia. O Brasil tem se beneficiado dessa conjuntura, recebendo mais, em termos de preços médios, pelos produtos que exporta e fortalecendo sua posição como alternativa para atender o mercado internacional, em especial para o mercado russo.

Os preços dos suínos no Brasil tem se mantido em patamares elevados, pois além da forte demanda dos mercados interno e externo, a sua produção ainda não respondeu aos estímulos de preço e, mesmo se existirem instalações disponíveis e a decisão de aumentar a produção, a oferta de animais para o abate demoraria, por razões técnicas, pelo menos um ano para se concretizar. A cadeia produtiva do frango, apesar de ter capacidade de crescimento da produção mais rápida, está tendo cautela nessa decisão. Quanto à carne bovina, informações sinalizam a reposição de rebanhos a partir de 2014, e um maior crescimento da produção na próxima década. O que estamos procurando mostrar é que no médio pra-

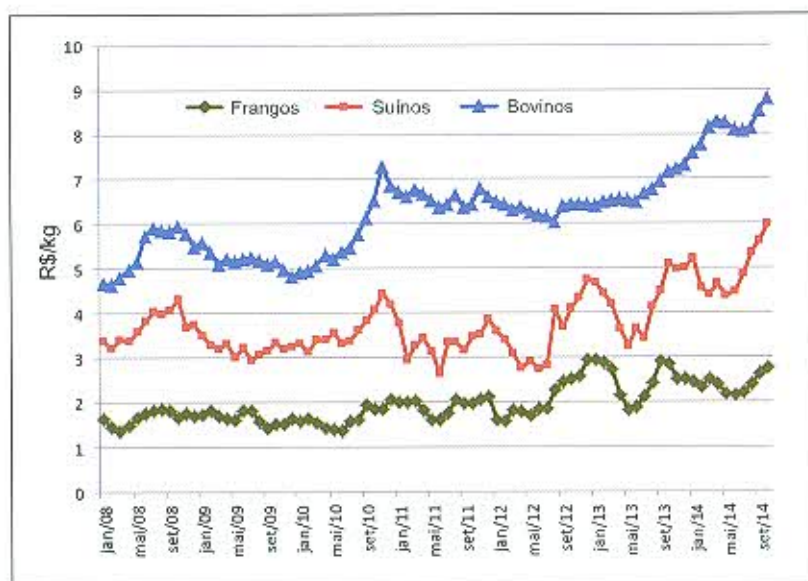


zo ocorrerão ajustes nos volumes de carnes produzidas e nos preços, além de que a combinação de variáveis internas aos setores e a situação econômica dos países e do mundo definirão seus efeitos nos preços e no mercado. A Figura 7 ilustra o comportamento dos preços. É difícil tratar desse assunto para o Brasil, país grande e heterogêneo. Acreditamos que os preços recebidos pelos produtores no Estado de São Paulo é uma boa referência das reações do mercado independente. O que observa-se é que desde 2013 os preços dos bovinos estão continuamente crescendo enquanto que os do frango se encontram mais

empresas buscando porte e atuação global. A JBS lidera este movimento, atingindo faturamento perto de 100 bilhões de reais, enquanto que a BRF alcançou 28 bilhões de reais em 2014. Além dos investimentos diretos, outra tendência é a das alianças com empresas, tanto de dentro como de fora dos seus países de origem. O aumento de escala e redução do número de unidades está ocorrendo também nas empresas fornecedoras de insumos, equipamentos e serviços.

O modelo de produção integrada de suínos utilizado no Brasil foi inspirado no modelo desenvolvido e aplicado

FIGURA 07. PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES PELO FRANGO, SUÍNO E BOVINO, ENTRE JANEIRO DE 2008 E SETEMBRO DE 2014 NO ESTADO DE SÃO PAULO (R\$/KG)



Fonte: Instituto de Economia Agrícola

próximos dos seus valores históricos com uma retomada de valorização a partir de maio de 2014 e dos suínos, após a crise de 2012, tem apresentado valorização, não evitando contudo, períodos de queda de preços em alguns meses de 2013 e 2014.

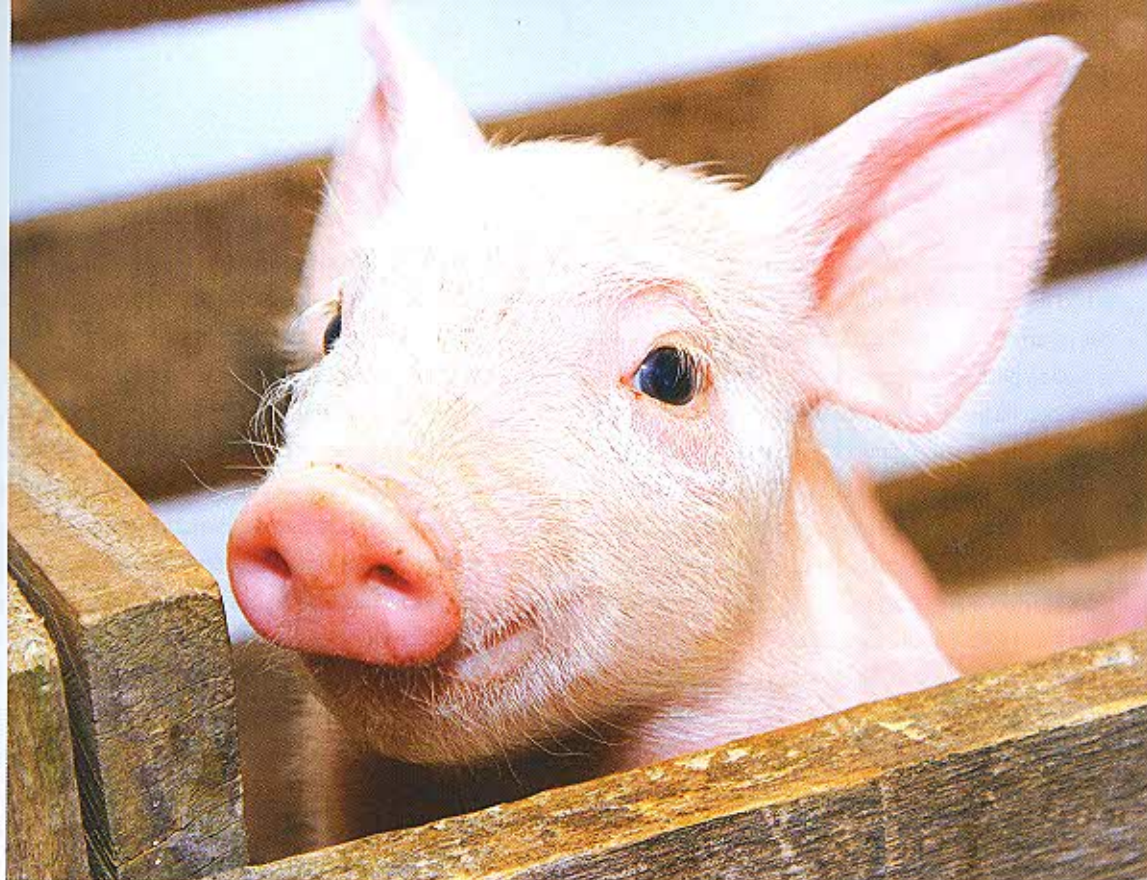
A CADEIA DA SUINOCULTURA NO BRASIL

As empresas evoluem em seu tamanho e definem suas escalas de operação de acordo com sua posição e a dimensão dos mercados internos e de exportação. No segmento das carnes, observa-se um movimento contínuo em direção a escalas cada vez maiores com as

na produção de frangos nos Estados Unidos. Os registros indicam que as primeiras experiências ocorreram na década de 60, na produção de frangos, na empresa Sadia, localizada em Concórdia, Estado de Santa Catarina. A partir desta experiência, as demais empresas começaram a utilizar o mesmo modelo de produção, com pequenos ajustes, tanto para aves como para suínos. Este tipo de relacionamento empresa/ produtor visando o suprimento dos animais para o abate oferece muitas vantagens do ponto de vista de coordenação da oferta, atendendo também os requisitos de qualidade, quantidade e temporalidade.

Os produtores têm questionado, nos últimos anos, os critérios e o nível de remuneração que recebem pela sua participação no sistema, o que ensejou a proposição de projeto de lei regulando esta relação. Uma das propostas é de que a remuneração seja indexada aos custos de produção ou a rentabilidade da indústria processadora. As duas situações são de difícil aplicação. A primeira por não premiar as produções mais eficientes e a segunda pela dificuldade de relacionar preços em etapas ou processos distantes e, às vezes, sem uma correlação direta entre eles.

O modelo de produção integrada tem sido importante para a sustentabilidade e competitividade da cadeia produtiva de suínos do Brasil e avanços estão sendo



obtidos no sentido do interesse dos produtores em conhecer melhor as tecnologias de produção, seus custos de produção e métodos de cálculo, assim como criar canais e fórum de negociação com os outros elos da cadeia produtiva. Estas iniciativas são positivas no sentido de harmonizar e equilibrar os interesses dos elos da cadeia, de forma que se prossiga a produção e que melhore a competitividade das cadeias. O arranjo da integração oferece vantagens na economia de transação, planejamento, rastreabilidade, previsibilidade da oferta, definição e segurança quanto à qualidade dos produtos, entre outras.

A FORMAÇÃO DE PREÇOS NA SUINOCULTURA

A produção de suínos no sistema integrado avança a cada ano, seguindo o caminho já percorrido na avicultura de corte. Assume-se, atualmente, que grande parte dos animais é produzida sob algum tipo de arranjo, parceria ou contrato. A produção completamente independente, sem acordos de comercialização, ou seja, o típico mercado *spot* é raro. Os produtores buscam reduzir seus riscos e uma boa inserção tanto no mercado do suíno quanto no dos insumos. As características da produção de suínos, com acréscimo de custos para a manutenção de animais prontos para o abate, movem os produtores no sentido de buscar acordos que facilitem seu acesso

ao mercado. Até porque ele está posicionado no elo mais fraco da cadeia produtiva, que enfrenta um mercado de poucos compradores.

UM OLHAR SOBRE O PREÇO DO SUÍNO VIVO

O que determina o preço de um produto agrícola ao produtor, como o do suíno vivo, por exemplo, ou da carne suína ao consumidor? De uma forma simples, podemos responder que é o mercado, decorrente da lei da oferta e da procura. É importante, então, examinar esses dois lados da equação, ou seja, como a oferta e a demanda podem afetar os preços na suinocultura.

As variações de preços permitem o ajuste entre a oferta e a demanda de determinado produto. A diferença entre o preço e o custo de produção fornece um importante indicador de rentabilidade da atividade. Pode ser um estímulo ao crescimento, se positiva, ou para a redução, se negativa. Preços elevados, contudo, também podem restringir o consumo e favorecer a substituição da carne suína por carnes de menor custo, como a de frango. Isto explica, em parte, o forte crescimento do consumo brasileiro dessa carne. A economia possui mecanismos de ajustes em direção aos preços e produção de equilíbrio, que variam para cada produto, dependendo da duração dos ciclos de produção.

A cadeia produtiva da carne suína brasileira vem passen-

do por bons resultados econômicos em 2014, com o preço do suíno vivo em patamares elevados e o preço dos insumos em queda. Esta situação não é permanente e cada participante desta cadeia deve estar atento e contribuir na manutenção dos atuais bons resultados. A oscilação de preços é uma constante na suinocultura e assusta os produtores. Em 2012, ano de última grande crise do setor, o suíno abatido chegou a valer R\$ 2,20 por quilograma, com um custo de produção acima deste valor devido aos altos preços de insumos, especialmente do farelo de soja e do milho.

A Figura 8 mostra a evolução da produção brasileira das três principais carnes. Nos anos recentes, a produção brasileira de carne suína tem mostrado certa estabilidade com pequena tendência de crescimento da oferta nos últimos dez anos. Situação semelhante está ocorrendo com a produção da carne bovina. Somente a produção de frango apresenta uma tendência mais acentuada de crescimento.

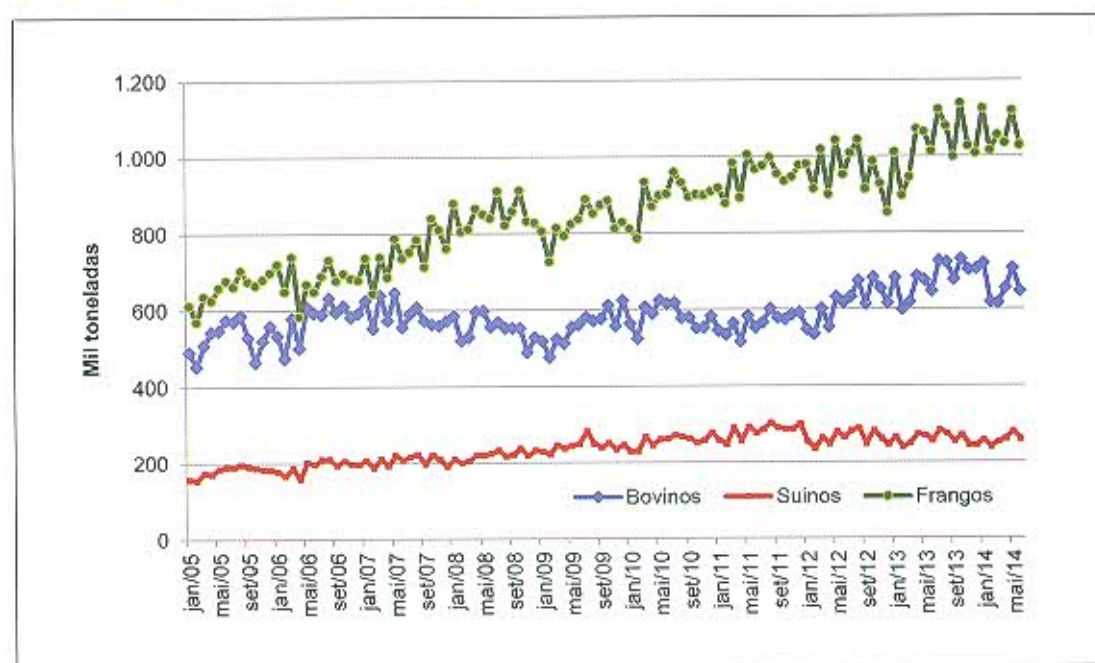
A situação dos sonhos para evitar crises seria uma perfeita coordenação da cadeia produtiva, com a par-

ticipação dos produtores, indústria e distribuidores, ajustando a produção à demanda do mercado interno e externo. Se nenhum distúrbio surgisse pelo lado do custo de produção, se evitariam crises e grandes oscilações de preços. Infelizmente, esta situação não acontece em economias de mercado e quando as decisões são tomadas com informações incompletas.

É desejável também o alinhamento entre o setor público e privado visando a manutenção da sanidade animal, a atualização das legislações ambientais, incorporando novos conhecimentos no tratamento e utilização dos resíduos, bem como no aperfeiçoamento da infraestrutura e logística para mobilização dos grãos das regiões produtoras para as de consumo. Estima-se que cerca de 70% do volume das cargas são transportados por rodovias, o que é pouco eficiente e de alto custo, sendo urgente buscar uma modernização da matriz de transportes no Brasil.

No que se refere à demanda, deve-se analisar o comportamento das exportações e do consumo interno. Quanto ao comércio internacional, de janeiro a ou-

FIGURA 08. PRODUÇÃO MENSAL FISCALIZADA DE CARNE DE BOVINOS, FRANGOS E SUINOS, EM MIL TONELADAS, JANEIRO DE 2005 A MARÇO DE 2014



Fonte: IBGE

tubro de 2014, o País exportou pouco mais de 400 mil toneladas de carne suína, o que permite projetar que a exportação do ano atinja ao redor de 500 mil toneladas, volume menor que o atingido nos últimos anos (Figura 9).

A queda nos volumes exportados está sendo compensada pelo aumento nos valores recebidos pelos produtos da suinocultura sendo que a tonelada valorizou cerca de 20% entre janeiro e setembro de 2014, em relação ao mesmo período de 2013. Em termos de receitas totais das exportações, como houve uma redução de 7% nos volumes, o valor cresceu 12,3% neste período (ABPA, 2014).

No cenário externo, observou-se o crescimento das importações de carne suína da China, com perspectiva de que os volumes atinjam um milhão de toneladas em 2015. A Rússia, além de aumentar suas importações, colocou restrições a antigos fornecedores, como EUA, Canadá e países da União Europeia. Adicionalmente, no sentido de melhorar sua posição nas exportações, o Brasil está conseguindo abrir novos mercados para a carne suína, como os dos EUA, Japão e China; e com entendimentos adiantados para acesso aos mercados do México e da Coreia do Sul.

Quanto ao mercado interno, existem alguns fatores positivos a destacar. O primeiro é o crescimento da renda da população via políticas públicas, direcionadas especialmente às camadas de menor renda. Enquanto o país mantiver essas políticas e o salário mínimo continuar a aportar ganhos reais, o efeito deverá ser positivo para a demanda tanto da carne *in natura* como dos produtos elaborados a partir dela. O segundo fato refere-se às campanhas de estímulo ao consumo da carne suína, lideradas pela Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), com o apoio das entidades ligadas aos diversos elos da cadeia produtiva. Houve o registro de crescimento de até 77% nas vendas na rede varejista durante a campanha de estímulo ao consumo na 2ª Semana Nacional de Carne Suína. Estima-se que o consumo per capita passou de 10 kg para 15 kg por habitante na última década (ABCS, 2014).

Olhando para o futuro, a expectativa é de crescimento da oferta de carne suína no Brasil, decorrência do

safetox[®]

ADITIVO ANTIMICOTOXINAS

Proteja sua produção contra as **micotoxinas**.



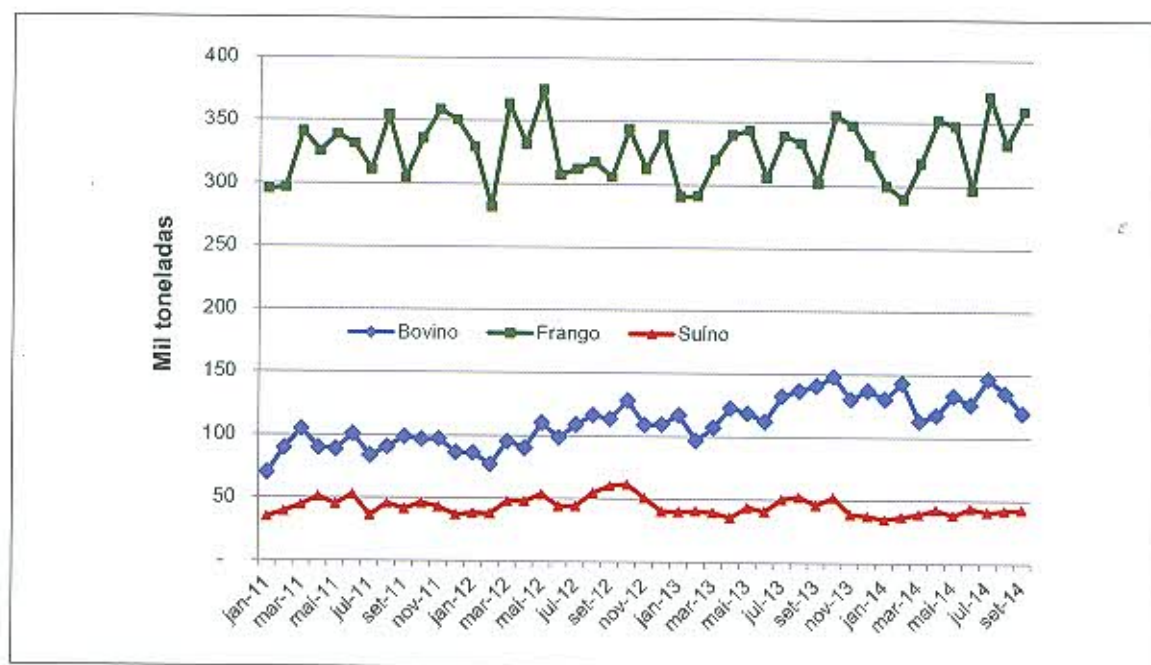
safetox

safetox^{plus}

Safetox. Uma nova linha de aditivos antimicotoxinas aprovados *in vivo* e *in vitro* com a qualidade **Safeeds**.

safeeds
aditivos para nutrição animal

FIGURA 09. EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MENSAIS DE CARNES DE BOVINOS, SUÍNOS E FRANGOS, EM ML TONELADAS, JANEIRO DE 2011 A SETEMBRO DE 2014



Fonte: MDIC

aumento da produtividade (máis e melhor tecnologia e gestão) e também, em menor proporção, da contribuição de novos investimentos com estabilização e/ou redução dos preços. É premente a necessidade do aumento da eficiência da atividade para compensar a elevação dos custos, em especial da mão-de-obra e dos juros. Quanto ao suprimento de insumos, disponibilidade e preços do milho e do farelo de soja, espera-se um quadro semelhante ao que ocorreu em 2014. As maiores indefinições devem decorrer dos ainda desconhecidos ajustes macroeconômicos do Brasil no "novo governo", que podem afetar a massa salarial, o emprego, os tributos, o crédito e outras políticas de benefícios à população, as quais podem favorecer ou prejudicar o consumo de alimentos e dos produtos da cadeia de produção da suinocultura. ■

¹Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves, Concórdia, Santa Catarina. E-mail: dirceu.talamini@embrapa.br; jonas.santos@embrapa.br

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). www.abpa.org.br (acessado em 19.11.2014).

Inovação marca a 2ª semana nacional da carne suína. *Revista da Suinocultura, Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS). Ano 3, n. 12, Set/Out 2014.*
Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal, Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, 2014.

www.firjan.org.br/fidm

LIVESTOCK AND POULTRY: WORLD MARKETS AND TRADE. United States Department of Agriculture (USDA), Foreign Agricultural Service, 2014.

PEREIRA, S. N. R. de O. Novas estimativas do modelo de geração de empregos do BNDES. *Sinopse Econômica*, n. 133, Março de 2004, BNDES Rio de Janeiro. 8p. www.investimentos.mdic.gov.br/public/arquivo/arq1273762148.pdf

Preços recebidos pelos produtores no Estado de São Paulo, Instituto de Economia Agrícola.

www.iea.sp.gov.br. Acessado em 24.11.2014.

Exportações de carnes pelo Brasil. Ministério do Desenvolvimento e comércio exterior.

www.desenvolvimento.gov.br. Acessado em 24.11.2014.

Abates inspecionados no Brasil. Ministério da Agricultura, Pecuária e abastecimento.

www.agricultura.gov.br. Acessado em 24.11.2014.